

Apresentação

Este número de “Cadernos” traz uma grande diversidade de contribuições registrando inclusive pela primeira vez a colaboração internacional da Profa de História Social Cláudia Pancino da Universidade de Bolonha. Apesar desta diversidade de temas gostaríamos de ressaltar neste número como tema central “A história da ciência no Brasil: constituição e abordagens”. Essa escolha tem como justificativa o substantivo depoimento do Prof. Shozo Motoyama coordenador do Centro Interunidades de História da Ciência da USP, que ao traçar sua trajetória profissional e acadêmica reconstrói a constituição desta disciplina na USP e as tentativas de institucionalização por meio da Sociedade Brasileira de História da Ciência e inserção dentro da universidade. Dentro desta linha ainda as abordagens dos artigos sobre “Os documentos cartoriais na História da Farmácia e das Ciências da Saúde” e “Franco da Rocha e publicação de suas idéias: uma análise do meio social na explicação etiológica da loucura” traz contribuições importantes na história das ciências em especial na saúde. As autoras Betânia G. Figueiredo e Deyse M. Abreu utilizando documentos cartoriais, em especial os inventários, as contas testamentárias e avaliações de bens médicos, boticários, práticos da saúde e moribundos da região de Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX, abrem a possibilidade destes para uso nos estudos de história da Farmácia e das ciências da saúde em nosso país. Já o artigo de Paulo S. Ribeiro fruto de sua dissertação de mestrado em sociologia na UNESP revisa artigos e reflexões pouco conhecidas de Franco da Rocha acerca das relações e contribuições do pensamento médico, no final do século XIX com o processo de institucionalização das Ciências Sociais no Brasil, muito anterior a criação da USP vista como marco formal deste processo.

Abordando o mesmo período, Luiz de Castro Santos em seu ensaio sobre a “A constituição de identidades médicas no Brasil pré-republicano: apontamentos sobre a clínica e a experimentação”, busca relacionar as trajetórias profissionais de dois médicos paulistas, um deles ligado à escrita de textos importantes sobre história da medicina no Brasil, aos contextos históricos e processos sociopsicológicos que as constituíram.

Hitoshi Nomura traça em seu artigo sobre o centenário da Comissão Rondon um roteiro interessante de pesquisa apresentando sistematicamente personagens, descobertas e produção bibliográfica, colocando a atualidade dessa no momento atual onde ainda o limite e as fronteiras brasileira estão sendo discutidos.

“As relações Brasil França na criação do Instituto Butantan” de Carlos E. S. B. Dias objetiva traçar uma relação entre as ciências produzidas no Brasil e as produzidas na França. Seu referencial teórico, o livro de Caio Prado Jr., “A Formação do Brasil Contemporâneo” onde pergunta qual o sentido da colonização tendo como ponto de partida o período republicano. Algumas constatações são muito interessantes e apesar de trajetórias diferentes o I. Pasteur de Paris e Butantan ainda têm denominadores comuns.

O artigo de Rachel Gouveia Passos “As vozes que ecoam: mulheres, ressentimentos e saúde mental” traz uma análise a partir dos sentimentos que moveram a participação social do familiar/cuidador da pessoa em sofrimento psíquico traçando um histórico da área e a abertura a partir do SUS por meio da 1ª Conferência de Saúde Mental na organização do movimento da luta antimanicomial.

“Os caminhos públicos da odontologia paulista no início do século XX” de Martino et al traz por meio da análise de documentos relativos a legislação dos serviços públicos um panorama histórico do profissional e da odontologia neste período.

O trabalho apresentado por Píer Paolo Pizolato “Questões sobre o plano diretor para o complexo hospitalar do Juquery”, trata do processo de criação de um Plano Diretor para o conjunto histórico edificado considerando a análise do desenvolvimento arquitetônico do antigo Asilo de Alienados do Juquery, tanto do ponto de vista estético quanto histórico.

“Pequeno demais, pouco demais”. A criança e a morte na idade moderna ensaio de Claudia Pancino traz um olhar sobre a aceitação, na mentalidade ocidental, da elevadíssima mortalidade infantil desde o antigo regime, pelo menos até o final do século XIX. Para tanto utiliza fontes literárias, autobiográficas, imagéticas (quadros, esculturas) e materiais (monumentos funerários, etc.). Outras fontes perpetuam práticas populares e fábulas, crenças e rituais (ressurreição temporária, rituais do batismo e dos funerais), que “falam” da necessidade e tiveram uma função de consolo “social”. A partir do século XIX a morte de crianças fica cada vez mais insuportável.

Nossa, resenha de Olga Sofia Faberge traz o livro de Peter Burke sobre “Teoria Social e História” onde o autor discute de maneira quase didática a necessidade de comunicação entre a história e a teoria social colocando em pauta um dos temas relevantes para a pesquisa e a geração do conhecimento que é a interdisciplinaridade.

Por fim convidamos todos a acessarem o portal eletrônico da Secretaria de Estado da Saúde em parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (BIREME); portal este construído para organizar e unificar as publicações produzidas no âmbito desta Secretaria com o intuito de ampliar a visibilidade das revistas institucionais. Os Cadernos de História da Ciência já participam do portal com 3 números disponíveis para acesso eletrônico, e, em breve, com toda sua coleção no site <http://periodicos.ses.sp.bvs.br/>.

Comissão Editorial